

SEMINÁRIOS CATÓLICOS E AS PEDAGOGIAS DA SEGREGAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Sérgio Lasta*

Resumo: Este artigo traça um paralelo entre os monges do deserto, o filme A Vila em que os indivíduos viviam uma vida segregada e cindida com a sociedade com as pedagogias da segregação. Trata de lugares onde existe uma arquitetura montada para que esse lugar criado cumpra sua função. Tal vida segregada produz subjetividades específicas desse espaço no qual os indivíduos são subjetivados pelas regras existentes para que estejam em alinhamento com as pedagogias formativas dos indivíduos que ali vivem. Certas instituições, como os seminários católicos, foram criadas para atender uma demanda histórica, cultural, social, religiosa, política e econômica. Os seminários católicos cumprem suas funções e são espaços e lugares que produzem uma forma de vida para responder à própria finalidade.

Palavras-chave: Seminário Católico, Pedagogias da Segregação, Forma de vida.

CATHOLIC SEMINARS AND THE PEDAGOGIES OF SEGREGATION: SOME REFLECTIONS

Abstract: This article draws a parallel between the monks of the desert, the film A Vila in which individuals lived a segregated and split life with society with the pedagogies of segregation. It deals with places where there is an architecture built so that this created place fulfills its function. Such segregated life produces specific subjectivities in that space in which individuals are subjectified by the existing rules so that they are in alignment with the formative pedagogies of the individuals who live there. Certain institutions, such as Catholic seminaries, were created to meet a historical, cultural, social, religious, political and economic demand. Catholic seminaries carry out their functions and are spaces and places that produce a way of life to respond to their own purpose.

Keywords: Catholic Seminary, Pedagogies of Segregation, Form of life.

* Psicólogo graduado na Universidade Católica de Petrópolis (RJ) com formação psicanalítica. Mestrado em Ciência Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria, RS. Doutor em Educação pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA – Canoas, RS. Professor na Faculdade Palotina – FAPAS – Santa Maria, RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4494-9026>. Email: lastasergiolasta@gmail.com

Introdução

Quando o filme *A Vila* iniciou, a sensação que tive foi de que iria assistir cenas bucólicas e desfrutar de um momento de lazer com cenas idílicas. O farfalhar do vento nas copas das árvores e o ruído que produz leva ao relaxamento. Porém, tudo isso é quebrado quando a cena recai sobre um velório de uma criança e o filme não é como imaginei que fosse. O filme é tenso, os personagens são tensos, o que parecia ser um lugar de felicidade começa a mostrar seu lado mais assombrador e o medo toma conta dos personagens e tensiona quem assiste.

Aos poucos fui me dando conta que tudo não passava de uma ilusão, de uma mentira de um lugar inventado e aos poucos fui ingressando num lugar controlado por um conselho de anciãos, dentre os quais está o idealizador daquele lugar. O filme e alguns personagens beiram à mitomania. Nesse espaço tudo beira o proibido: as cores das roupas acinzentadas e nada coloridas, dão um clima lúgubre aos moradores. O colorido desaparece e a única cor que chama a atenção é o vermelho e o amarelo. A cor vermelha, que representa os impulsos, é proibida porque lembra as criaturas da floresta sobre as quais os moradores estavam proibidos de falar. Caso alguém as mencionasse todos correriam riscos de serem atacados por tais criaturas. O amarelo é a cor amuleto contra o vermelho que os moradores usavam quando se aproximavam das fronteiras da vila. Não existe um nome que identifique a vila, mas se percebe que é um vilarejo e as fronteiras entre a vila e o fora não poderiam ser violadas.

Segundo o site *Adoro Cinema*, em 1897 uma vila parece ser o local ideal para viver: tranquila, isolada e com os moradores vivendo em harmonia. Porém este local perfeito passa por mudanças quando os habitantes descobrem que o bosque que a cerca esconde uma raça de misteriosas e perigosas criaturas, por eles chamados de "Aqueles de Quem Não Falamos". O medo de ser a próxima vítima destas criaturas faz com que nenhum habitante da vila se arrisque a entrar no bosque. Apesar dos constantes avisos de Edward Walker (William Hurt), o líder local, e de sua mãe (Sigourney Weaver), o jovem Lucius Hunt (Joaquin Phoenix) tem um grande desejo de ultrapassar os limites da vila rumo ao desconhecido. Lucius é apaixonado por Ivy Walker (Bryce Dallas Howard), uma jovem cega que também atrai a atenção do desequilibrado Noah Percy (Adrien Brody). O amor de Noah termina por colocar a vida de Ivy em perigo, fazendo com que verdades sejam reveladas e o caos tome conta da

vila. O filme se assemelha à vida segregada dos monges do deserto que poderá ser estendida para pensar os seminários católicos.

Segundo Lacarrière (2013) os monges se isolavam do mundo para encontrarem respostas ao drama humano. Isso os levava a um estado refratário e sua retirada do mundo significava anacorese. O termo monge, do grego *monache*, significa o homem que vivia solitário na sua origem e passou a ser o homem que vive em uma comunidade religiosa organizada. O mosteiro seria o céu terrestre onde todos deveriam viver como amigos (LACARRIÈRE, 2013). Para viver nessa comunidade de homens embriagados de Deus era preciso ouvir o “chamado”. Ou seja, ser um vocacionado para seguir um caminho que transforma a vida de quem ouve esse chamado: romper com a sociedade para atingir a perfeição. Nas instituições segregadas vivem pessoas que rompem com o mundo secular para viverem uma vida exclusiva. Para os seminaristas a formação para o sacerdócio sugere que ouviram o “chamado” de Deus. Ao ouvirem esse chamado, se inserem nas pedagogias sagradas que produzem uma forma de vida.

O que entendo por pedagogias? Esse termo me põe a pensar que não existe uma única pedagogia que constrói a forma de vida nos seminários católicos. Existem pedagogias que atravessam o processo formativo e produzem o que os seminaristas são e o que serão: sacerdotes e consagrados para atuarem na Igreja Católica em suas pastorais. A questão está em como essas pedagogias produzem esses sujeitos? Por que a segregação, ou seja, de onde vem essa ideia de viver uma vida distanciada do mundo? Para entender é preciso fazer uma retomada histórica.

Para melhor compreensão sobre as pedagogias sagradas e a arquitetura de segregação dos seminários católicos, nessa retomada histórica, é possível encontrar elementos subjetivantes desde o passado que foram se legitimando com o tempo e que ainda, muitas delas, se mantêm. Por outro lado, os seminários católicos foram se adequando aos novos tempos políticos, sociais, econômicos e religiosos sempre alinhados com as diretrizes da Igreja Católica. Esse alinhamento dá um direcionamento único para a formação, pois existem diretrizes que constroem subjetividades específicas como são os seminaristas e os clérigos. Portanto, os seminários católicos cumprem a função para a qual foram criados. Por que e quando foram criados? Qual a necessidade que houve para construir uma instituição que segrega indivíduos?

Não se trata de questionar as pedagogias formativas dos seminários católicos e nem instigar a uma rebelião. Mas refletir como as pedagogias e a arquitetura da segregação produzem sujeitos e subjetividades. A segregação não é exclusiva dos seminários católicos, pois existem muitas instituições que segregam indivíduos. Um exemplo é a escola que também rompe como mundo fora e insere os alunos em um mundo à parte distanciados da sociedade. A escola também produz subjetividades. Meu olhar volta-se para os seminários católicos, mas poderá ser direcionado para muitos outros lugares que também constroem uma forma de vida.

1 Construção de uma forma de vida segregada: aspectos históricos

A vida segregada nos seminários católicos se alinha a um processo histórico até a sua criação definitiva por decreto no Sacrossanto Concílio de Trento (1545-1563) após várias discussões anteriores em outros concílios. O Concílio teve como uma das principais características extirpar as heresias e reformar os costumes do clero católico. Tal concílio foi promovido após a Reforma Protestante proposta por Lutero em 1517 que sugeriu uma reforma no catolicismo ao questionar a venda das indulgências e os abusos do clero e do papa muito alinhados com o poder político e com a burguesia capitalista (TUCHLE; BOUMAN, 1983). Portanto, a criação dos seminários católicos está significou ter um lugar protegido de todas as tentações e vícios mundanos. Com isso, os seminários católicos passaram a ser um lugar exclusivo para a formação do clero, porém cindido do mundo.

Para pensar a vida segregada dos seminários católicos com suas pedagogias é importante voltar no tempo histórico. Buscar indícios antes da ideia ser discutida em outros concílios. Na história dos seminários católicos não se encontra referências a esse tempo histórico, mas é possível perceber muitas semelhanças entre a forma de vida dos monges do deserto e o Cenóbio criado por São João Cassiano e os seminaristas.

O Cenóbio foi a primeira instituição criada para que os monges tivessem uma vida segregada distantes do mundo. Dentro dessa instituição cenobítica os monges estariam resguardados dos vícios e das tentações mundanas. Estariam blindados de alguma queda pecaminosa, pois, segundo Cassiano (2015) ceder às tentações significaria que o monge negligenciou sua vivência espiritual, minou suas virtudes e caiu nos vícios.

A construção da forma de vida nos seminários católicos alinha-se também com as pedagogias dos monges do deserto que rompiam com a sociedade de sua época para viverem exclusivamente para Deus numa vida de sacrifícios e de renúncias (LACARRIÈRE, 2013). Ainda segundo Lacarrière (2013), os monges se isolavam do mundo e rompiam com a sociedade para encontrarem respostas para o destino humano. O deserto era tido como um lugar celeste, um céu na terra para que os monges pudessem viver como anjos numa recusa radical do mundo. O mundo, portanto, seria o declínio, a perdição e poria em risco a vida sagrada que pretendiam levar. Os monges viviam sob a hegemonia de regras inquestionáveis que construíam uma forma de vida (LACARRIÈRE, 2013). Os monges resignificavam em suas vidas o paraíso perdido ou o Jardim do Éden, pois se sentiam muito próximos de Deus por viverem uma vida de renúncias e de sacrifícios. O que os monges e o Cenóbio têm de aproximações com os seminários católicos e a formação dos seminaristas?

A formação do clero católico sempre esteve no bojo da Igreja Católica, mas nunca se havia proposto a criação de um lugar específico para que o clero tivesse sua construção específica como futuros pastores da Igreja Católica. Por não ter esse lugar isso gerava muitos problemas de várias ordens. Mas como era a formação antes de os seminários católicos serem criados? Os candidatos ao clericalo residiam em uma paróquia e ali eram iniciados pelo pároco nos conhecimentos de latim e administração dos sacramentos, segundo Tuchle e Bouman (1983). Porém, a formação deixava muito a desejar, dentre tantos outros problemas.

Segundo Benelli (2004) os párocos eram desatentos, praticavam o concubinato, estavam mais preocupados com a carreira eclesiástica e administração dos seus bens e pouco ocupados com a pastoral. Havia problemas dessa ordem também com os bispos, que estavam muito alinhados com o poder político da época e seus privilégios. Diante desse cenário a preocupação com a formação presbiteral começou a ganhar corpo, porém os bispos ainda não haviam pensado na criação dos seminários católicos.

Para que não houvesse tais problemas citados anteriormente, de acordo com Giovanni (1778) os candidatos ao sacerdócio passaram, então, a morar com suas famílias e a frequentarem as Escolas Episcopais criadas por decreto no Concílio Parisiense III em 557. Entretanto, a formação ainda era muito deficiente porque não estava em acordo com o que se esperava (TUCHLE; BOUMAN, 1983), sobretudo a formação intelectual. Os bispos não viam com bons olhos os seminaristas morarem com suas famílias, porque ali não estariam resguardados dos vícios mundanos. O contato com o mundo poderia instigar os candidatos ao

sacerdócio aos impulsos carnis e a outras seduções. A preocupação em criar um espaço exclusivo para a formação do clero começou a ganhar força entre os bispos.

Segundo Giovanni (1778), autor do livro: *Historia de los seminários clericales*, o primeiro concílio que tratou sobre o tema foi o Niceno (325) no qual foram traçados os primeiros vestígios do que seria a futura instituição. No Concílio Toledano II estabeleceu-se que os candidatos ao sacerdócio que fossem adultos não poderiam conviver com os mais novos para não contaminá-los com seus maus exemplos ou submetê-los aos seus ímpetos carnis. No Concílio Turonense III em 813 os bispos determinaram que ninguém seria ordenado sacerdote sem antes ter estudado nas Escolas Episcopais.

Ainda segundo Giovanni (1778), no Concílio Aquigranense I realizado em 816 foi estabelecido um currículo e que os futuros clérigos estivessem sob a orientação espiritual de um sacerdote capaz de instruí-los nas doutrinas eclesiásticas e espirituais. Por fim, no Concílio Meldense no ano de 845 decidiu-se que ninguém entrasse para a vida eclesiástica sem ter passado pelo colégio clerical. Ainda não tinha sido decidido pela criação dos seminários católicos, mas os traços de como seria a futura instituição começou a se delinear.

Nessa época, segundo Giovanni (1778), o clero havia chegado ao sumo da dissolução dos costumes, com excessos de maldades, de vícios e de escândalos. Os bispos entenderam que era preciso criar um lugar onde os seminaristas estariam separados dos vícios do coração, dos apegos às coisas visíveis para se deixarem construir com uma vida celestial próximo aos anjos e virtuosos para a glória de Deus. Os bispos perceberam a necessidade de afastar os candidatos ao clero dos padres que praticavam abusos de diversas naturezas.

Toda a formação ainda antes da criação definitiva dos seminários católicos passou a ser vigiada e tutelada para que os seminaristas estivessem distanciados do mundo e seus perigos. Porém, ainda estavam expostos ao veneno, aos vícios, vaidades e aos encantamentos do mundo. Para afastá-los definitivamente desse mundo encantador os bispos, reunidos em Trento (Itália), decidiram, na última sessão do Sacrossanto Concílio (Sessão XVIII), decretar a criação dos seminários católicos e construíram um currículo para tal finalidade.

O decreto de criação dos seminários católicos: *Cum adolescentium aetas*, foi discutido e aprovado por unanimidade pelos bispos nesta sessão (15 de julho de 1563). Os bispos conciliares decidiram impor às dioceses a abertura dos seminários clericais como um traço perene de vocações. O decreto resultava que a adolescência, fase existencial particularmente delicada, se apresentasse como o momento oportuno para os candidatos ingressarem no estado

clerical e com capacidade para perseverarem na doutrina e disciplina eclesiástica. Sobre essa decisão Fliche e Martin (1998) escreveram que, para os padres conciliares a juventude era o período propício para ser arrastada para os vícios e serem seduzidos pelos prazeres do mundo. Nos seminários clericais os seminaristas estariam a salvo e protegidos do assédio mundano, sobretudo dos impulsos carnis que o mundo lhes instigaria.

Portanto, na Bula de Ereção dos seminários católicos os padres conciliares enfatizaram no Canon XVIII que:

Serão admitidos neste colégio os meninos que sejam filhos legítimos, que tenham uma idade não inferior aos doze anos, que saibam ler e escrever e que deem, por seu caráter e vontade sólida, sinais de querer consagrar-se à perpetuidade aos ministérios eclesiásticos (SACROSSANTO CONCÍLIO DE TRENTO, 2019, Sessão XVIII).

Por que teriam que ter idade mínima doze anos? O decreto deixou bem claro que haveria uma cisão, um distanciamento do mundo imposta a todos aqueles que queriam ingressar na vida clerical. Caso não fossem dirigidos corretamente, não perseverariam jamais na perfeita observância da disciplina eclesiástica. Na vida afastada do mundo, tudo o que for mundano e com o auxílio de Deus, estariam livres dos hábitos viciosos que poderiam dominar todas as pessoas. Segregados, os seminaristas seriam formados conforme a piedade e a religião das doutrinas da Igreja Católica (SACROSSANTO CONCÍLIO DE TRENTO, 2019).

O Concílio de Trento decidiu que fossem, preferencialmente, filhos de famílias pobres, mas sem excluir os de famílias abastadas, que assumiriam seus gastos desde que manifestassem o desejo de servir a Deus e à Igreja. O mais importante é que o seminário clerical fosse uma sementeira contínua dos futuros ministros de Deus. Os que ingressariam, prontamente receberiam a tonsura (o topo da cabeça era raspado) e a usar continuamente o hábito eclesiástico. Os futuros clérigos teriam um currículo para seguir: seriam instruídos na gramática, no canto, nas leis eclesiásticas e em outras artes liberais. Outro quadro curricular seria: Sagrada Escritura, os livros eclesiásticos, as homilias dos santos e tudo o que estaria em torno da administração dos sacramentos, sobretudo a confissão, os ritos e as cerimônias. Uniriam, com este currículo, a formação humanista e a formação especial eclesiástica (FLICH; MARTIN, 1998).

Paralelamente haveria a formação religiosa e moral, assistiriam diariamente à missa, confessar-se-iam ao menos uma vez ao mês, comungariam seguindo os conselhos do seu confessor e participariam dos ofícios nas catedrais ou em outras igrejas. Seriam avaliados

permanentemente se estariam ou não cumprindo as regras e a disciplina obedecida regiamente. Os formadores deveriam tomar cuidado com os de mau caráter e com aqueles incorrigíveis. Estes poderiam ser castigados ou expulsos se houvesse necessidade. Tudo deveria estar a serviço para que o seminário clerical fosse um lugar próspero e duradouro. As dioceses deveriam prover o sustento dos seminários católicos e dos seminaristas para sua manutenção. Os bispos seriam aqueles que fariam as regras serem seguidas a todo custo e qualquer desvio poderia levar a alguma sanção. Os bispos deveriam também zelar pela disciplina e pelo currículo (FLICHE; MARTIN, 1998).

2 A Vila como uma metáfora da segregação

Antes ainda de refletir e pensar a forma de vida dos seminários católicos faço algumas considerações sobre o filme *A Vila*. A trama e os dramas dão um suporte importante para pensar a vida segregada, baseada em fundamentos inquestionáveis que me levou a tomar posições e provocou desdobramentos como o problema das diferenças, da tolerância e da diversidade. A vila não deixa de ser uma metáfora em torno dos fundamentalismos que “[...] invadem nossas vidas, formatam subjetividades, determinam nossos atos, nossos desejos, nossos pensamentos” (GALLO; VEIGA-NETO, 2009 p. 10). *A Vila* não deixa de ser uma metáfora da vida e como, muitas vezes, certos fundamentalismos fazem parte do cotidiano. *A Vila* retrata lugares controlados, vigiados que produz formas de vida e, também, subjetividades.

O que levou um grupo de pessoas a construírem a vila? Foi a dor diante de um estilo de vida que havia fora dos seus muros e quiseram construir um outro lugar distante de tudo aquilo que poderia levar à infelicidade, ou seja, a vila seria o lugar da felicidade. Surgiu também do desejo de construir um outro estilo de vida e a vila foi inventada para afastar os moradores de tudo aquilo que pudesse ir contra os valores que eram sagrados, como estarem distantes dos vícios. Porém, os moradores não podiam fazer suas próprias escolhas, mas se assujeitarem a um conselho que determinava tudo. A vila passou a ter um sistema de regras que produziram subjetividades, determinaram os atos dos moradores e controlaram seus desejos.

Mas que vila é essa? É um lugar qualquer. Não tem nome que a identifique, parece nem estar situada em um mapa e está congelada no tempo. Controlada por um conselho de

superiores com regras regidas pelo medo. Os conselheiros inventaram um mito de que na floresta existiam criaturas estranhas que ameaçavam todos aqueles que as enfrentassem. Os moradores viviam sem contado com o mundo exterior, porém descobriram que não são autossuficientes como imaginavam. Entretanto, romper com o isolamento entrava na ordem do proibido. Enquanto os moradores não entrassem na floresta as criaturas não entrariam na vila e o medo tomou conta de todos. Porém, existiam segredos guardados e a culpa era um artifício muito forte para impedir que alguém entrasse na floresta. Caso alguém o fizesse as criaturas entrariam na vila e todos correriam perigo. A harmonia e a manutenção do estilo de vida dependiam de cada um.

A vila era um ambiente controlado, porém não estava imune às agressões e hostilidades que os moradores acreditavam não existir. A cor vermelha proibida tinha a intenção de não permitir que sentimentos aflorassem e, assim, evitariam o sofrimento. Entretanto, perceberam que não havia como evitá-lo. Na vila existiam também coisas sobre as quais não se falava, ou seja, das criaturas ameaçadoras, pois o simples fato de falar poderia atraí-las. Os moradores da vila acreditavam que viviam em um lugar próximo à perfeição, que nada lhes faltava e eram felizes com essa forma de vida. Porém, a agressão de um dos moradores contra outro expôs aquilo que não se falava: dos sentimentos.

Na vila os pensamentos eram sitiados, articulando com Archangelo e Walde (2009). A vida dos moradores era previsível, pois tudo estava dado, não havia o que conquistar e construir, o que poderia gerar indivíduos ingênuos. A não-aceitação da realidade externa e a vida supostamente perfeita soava como um embuste. Os moradores se sentiam distantes dos confrontos e tensões que a realidade engendra. Porém, esse suposto distanciamento os punha em luta contra o alheio, entretanto, isso poderia implicar na falta de amadurecimento.

Criou-se em torno da vila um “cinturão construído pela instituição do temor” (ARCHANGELO; WALDE, 2002, p. 47). Com isso os moradores foram levados a aceitarem uma única verdade para a toda a sua vida. Tais verdades instituídas por verdades subjetivantes, por discursos, relações de poder o que produziu um espaço onde os moradores pouco lidavam com a falta.

Entretanto, tudo isso tinha um custo como sugerem Archangelo e Walde (2009, p. 49) ao se referirem ao filme *A Vila* “[...] o custo é a inabilidade para lidar com frustrações, como se todas elas, sem exceção, comportassem a mesma dimensão catastrófica.” Porém, não havia

como fugir do mundo exterior mesmo com a negação e a insegurança? Educar para o medo é estar repetindo os mesmos fundamentos e apresentá-los como aquilo que se basta.

O conselho da vila determinou o que é público e o que é privado e instituiu as regras para regerem a vida dos moradores. Segundo Duby (2009) o termo regra significa domar, domesticar no sentido de tirar do domínio selvagem para transportar para o domínio familiar. Isso induz a uma ideia de familiaridade, de casa, de interior segundo o mesmo autor. A vida privada deve ser murada para não dar a conhecer o que se passa no seu interior. A vida privada passa a ser particular distanciada do domínio público. Por outro lado, *público* pertence a todo o povo e emana do povo. Diz respeito ao que é comum, para o uso de todos, o que está aberto, distribuído, do qual todos se beneficiam. O público se opõe ao privado porque o privado refere-se também ao que está oculto, secreto, reservado ou que é subtraído da esfera pública (DUBY, 2009). A vida privada e segregada poderá produzir pensamentos sitiados.

Os pensamentos sitiados negam a interação com o mundo externo e, também com o mundo interno, porém isso é um engano, pois o exterior invade o interior, está sempre presente e isso define a existência dos indivíduos que passarão a existir enquanto seguirem as pedagogias da segregação. A negação do mundo exterior estaria a serviço de preservar o interior. Nesses lugares existe uma atmosfera para o místico longe do exterior e nada do que vem de fora poderá servir, pois seria tudo aquilo que levaria a vícios e outras tentações mundanas.

A vida segregada poderá criar “muros de segregação” para oferecer o que há de melhor. Dentro desse “muro” cabe a cada um suportar o outro. Portanto, enquanto estiverem ali dentro irão evitar decepções, abrirem mãos dos atos de vontade e da própria liberdade. A vila retratada está regida por um poder disciplinar e, como salientou Foucault (1987), este poder e as sanções normalizadoras penetram os indivíduos e produzem corpos dóceis. Para o autor, o poder disciplinar adentra e se apropria dos indivíduos; amarra as forças e as reduz, também separa, analisa, diferencia, fabrica os indivíduos e os toma como objetos e instrumentos do seu exercício.

O poder disciplinar alicerça a arquitetura da segregação ao tirar a autonomia dos indivíduos e abrir possibilidades para mascaramentos da obediência enquanto vão se assujeitando à disciplina para se deixarem construir com uma forma de vida. Sob o poder disciplinar os indivíduos sentem-se constantemente olhados e seus comportamentos vigiados, ou seja, estão permanentemente sob o olhar hierárquico e a ele se assujeitam. O poder

disciplinar cria pedagogias do medo e imprime uma forma de vida específica produzida para moldar sujeitos que se submetem a um poder que os “condena” a uma ordem inferior.

Para a arquitetura da segregação se sustentar existem discursos aos quais os indivíduos se vergam e se dobram ao se tornarem dependentes das pedagogias dentro dessa arquitetura. Enquanto vergados e dobrados pelo poder e pela arquitetura da segregação se tornam sujeitos. Articulando com Butler (2018) isso é uma condição para que sejam inaugurados como sujeitos para existirem e serem o que são, o que institui a topologia da segregação. O *topos*, o lugar sobre o qual recai a sujeição são os corpos que também se dobram e para isso são constantemente interpelados. O *topos* institui o dentro e o fora.

A interpelação marca os indivíduos e produz uma forma de vida produzida por verdades. Entretanto, isso provoca rachaduras, deslizos, pois é possível, às vezes, escapar dessas interpelações. Quando escapam logo são novamente interpelados para que voltem às verdades instigados pela culpa. Isso sugere que existem brechas ou rachaduras por onde alguma coisa escapa dessa segregação. Na vila, quando algum morador ultrapassava as fronteiras sempre vigiadas, poderia provocar o mundano, aquilo sobre o qual não se fala, porém isso imprime outra marca: como os indivíduos segregados negociam com o dentro e o fora ao mesmo tempo?

Os monges do deserto após terem passado um tempo distantes do mundo, poderiam voltar ao mundo e não seriam afetados, pois estariam blindados de tudo aquilo que era considerado mundano e tentador. Sua luta diária era com o demônio que poderia se disfarçar para lhes tentar. Sentiam-se assim fortalecidos para não cederem a tudo aquilo que iria contra a sua forma de vida.

Mesmo numa forma de vida segregada os moradores da vila eram instigados e provocados pelo mundo lá fora e, muitas vezes, se deixavam capturar por esse mundo. Talvez para não perderem sua autonomia e preservarem algum resquício de si mesmos, pois viviam uma forma de vida paradoxal: inaugurados pela arquitetura segregativa que instalou a dependência das pedagogias e dos discursos que os fundaram. Por outro lado, alguns moradores da vila se deixaram seduzir pelo de fora, pelo outro, pelo estranho, o alheio e provocaram as criaturas que os ameaçavam. Por que provocavam aquilo que entra na ordem do proibido? Como pensar esses sujeitos que têm autonomia, mas ao mesmo tempo se subordinaram a essa condição? A construção desses sujeitos seria impossível sem a dependência e se rompessem ou negassem essa dependência corriam o risco de interrupção,

como assinala Butler (2015). Os moradores da vila se assujeitaram a um poder disciplinar que não puderam negar. Estavam vulneráveis a esse poder. Porém, não deixaram de negociar de maneira vital e reflexiva com essa equação: sagrado e profano.

3 Seminários católicos: arquitetura da segregação

O filme *A Vila* serviu de mote para pensar as pedagogias e a arquitetura dos seminários católicos. Enquanto escrevi sobre o filme tive sempre em mente os seminaristas que vivem uma vida segregada. Nos seminários católicos existem regras que também deverão ser seguidas, como era no Cenóbio e tantas outras instituições e organizações. Com isso uma forma de vida é produzida e os seminaristas são construídos como futuros clérigos da Igreja Católica. Assim como na vila, nos seminários católicos também existem fronteiras.

Por outro lado, as regras dos seminários católicos em muito lembram o Cenóbio e os padres do deserto. Esses sujeitos eram chamados de homens embriagados de Deus como escreveu Lacarrière (2013). Levavam uma existência voltada para o divino e desprezavam tudo o que fosse da ordem do profano. Não se permitiam nem tocar ou se deixar tocar pelas pessoas para que seus corpos não fossem instigados pelos impulsos corporais e se tornassem impuros. Todas as pedagogias do Cenóbio estavam a serviço para evitar a queda. Sobre isso escreveu Cassiano (2015, p. 09):

Não se imagine, quando alguém cai, que isso tenha acontecido repentinamente. Ou bem, na origem de tal queda existe uma formação deficiente, que favoreceu um falso caminho, ou bem, um longo período de negligência espiritual minou-lhe pouco a pouco a virtude, até que, com o crescimento dos vícios, verificou-se uma queda funesta.

A formação dos monges era sólida e constante, não somente intelectual e individual, mas, principalmente, comunitária. Familiarizavam-se com as doutrinas para entrar na sua profundidade. Portanto, o Cenóbio se fundamentava nos usos e costumes e seguia um rígido esquema. Esses costumes normatizavam as vestimentas, as orações e os salmos noturnos e diurnos e versavam sobre a formação dos que renunciavam ao mundo (CASSIANO, 2015). São costumes que tratavam do homem exterior como um ser propenso ao profano.

As regras sobre a gula, fornicção, avareza, cólera, tristeza, acídia, vanglória e o orgulho tratam dos vícios capitais e seus remédios. As regras determinavam como os monges deveriam lutar cotidianamente contra as paixões, para purificarem o coração e abri-lo

inteiramente para a caridade. As regras eram doutrinas para o mundo interior dos monges (CASSIANO, 2015).

Para Cassiano (2015, p. 25) as regras não estavam a serviço somente das virtudes fundamentais: pobreza, obediência e humildade para lutarem contra as paixões. Ainda de acordo com o monge citado “sem obediência não se domina as paixões e tudo tende à pureza do coração e à caridade.” Tudo tinha como objetivo uma vida perfeita. Portanto, a *Instituta* dos mosteiros são as Regras que, por sua vez, requerem a obediência irrestrita.

Os padres do deserto escolheram por vontade própria viver tal forma de vida e isolamento do mundo. Era uma atitude de rompimento com a sociedade organizada e tem em Santo Antão e São Pacômio dois grandes nomes. Antão foi o precursor em abandonar a sociedade para viver no deserto em meditação e em oração. Pacômio, por sua vez, fundou uma comunidade monástica no Alto Egito. Esse movimento se estendeu para vários outros lugares e muitos cristãos romperam com suas famílias e bens, romperam com o mundo para viverem à margem do mundo profano, uma sociedade ideal e santa que são “[...] as comunidades monásticas, e um tipo ideal de ser humano, o homem novo ou o santo do deserto” (LACARRIÈRE, 2013, p. 20).

Tanto o Cenóbio quanto os padres do deserto viviam segregados e tinham suas próprias regras. As regras são também pedagógicas que constroem subjetividades. Havia demarcação de fronteiras que delimitava o sagrado e o profano, o mundano do espiritual e os monges deveriam viver somente a espiritualidade afastados da sociedade. Assim como na vila, os monges não poderiam ir além das fronteiras e seus corpos delimitavam territórios com suas vestes, comportamentos e o próprio corpo não poderia ser “invadido” pelo toque de alguém que não fosse também sagrado, para não se tornarem impuros e nem despertar os impulsos corporais.

A segregação não permite ultrapassar as fronteiras, romper com os monopólios das pedagogias sagrada e “a linguagem cria, ordena e relaciona as subjetividades, o imaginário e o simbólico, integrando-os ao modo de funcionamento das sociedades de controle” (PEREZ, 2009, p. 176).

Para não ultrapassar as fronteiras a sujeição entra em cena e os indivíduos se deixam produzir pelas pedagogias do assujeitamento para serem o que são, ou seja, paea existirem como sujeitos. Porém, ao mesmo tempo desejam transgredir essas mesmas fronteiras. Transgredir não significa ser contra, mas ir mais além. Com isso, pensando com Butler (2018)

os indivíduos se auto-engendram e são fundados por essa mesma sujeição ao se tornarem vulneráveis a ela. Isso é parte integrante do processo formativo, não há como fugir, pois são fronteiras estabelecidas pela própria Igreja Católica que os seminários católicos, os formadores, são executores, como foi determinado no Concílio de Trento.

Os formadores precisam dar conta dessas normas às quais também se assujeitam. Não são somente os seminaristas, mas quem está na formação nos seminários católicos também se curva diante dessas mesmas normas e vigiam as fronteiras. É uma via de mão dupla: os formadores precisam fazer valer as normas e vigiar as fronteiras e os seminaristas também se submeterem e não ultrapassarem os limites estabelecidos. Tanto os formadores quanto os seminaristas são vulneráveis a essas pedagogias e existem enquanto sujeitos ao se curvarem a toda essa arquitetura. Os formadores também foram produzidos pelas mesmas pedagogias com as quais os seminaristas estão sendo produzidos.

Ou seja, “a sujeição explora o desejo de existência, sendo a existência sempre outorgada de outro lugar; para existir, ela assinala uma vulnerabilidade primária para o Outro” (BUTLER, 2018, p. 30). Portanto, os formadores e os seminaristas são os primeiros responsáveis pelo funcionamento dos seminários católicos. Caso os seminários católicos não cumpram suas funções para as quais foram criados, a culpa recai sobre eles.

Articulando com Agamben (2019) existe uma assinatura que confere uma função de existência. Tal assinatura é como se obrigasse os corpos à imutabilidade ao serem produzidos pelas pedagogias sagradas. A assinatura avaliza e confere a esses sujeitos uma autorreferencialidade, incapazes de conhecimentos de outra natureza que não sejam eles mesmos. Cindidos e segregados, os formadores e os seminaristas voltam-se para si mesmos como uma devoção para atingir o imutável. O ato de voltarem-se para si mesmos somente para atingirem o imutável como uma auto-devoção, abre a possibilidade para o risco de fazerem de suas vidas um auto-sepultamento. Ou seja, voltarem-se demasiadamente para si mesmos somente e pouco olharem para o outro.

Nos seminários católicos um outro “eu” é produzido e que volta-se para si mesmo ao inaugurar uma agressão auto-condenatória e uma reflexividade. Este “eu” se apropria das normas que se tornam vitais. Portanto, os formadores e os seminaristas são interpelados pelas normas e pelo poder que os segrega. Isso inaugura outra condição: a impossibilidade para narrarem a si mesmos, pois passam a ser um conjunto de normas e de regras enredados pelas pedagogias sagradas e pela arquitetura pedagógica. Nessa vida segregada não existem outras

narrativas e são as mesmas para todos porque não se abrem possibilidades para outras formas de vida.

O “eu” produzido pelas pedagogias de segregação tende a ser limitado por regimes de verdades que fornece o cenário para reconhecerem as normas. Parece não haver outras possibilidades, porque a vida segregada os insere nesse sistema de regras. Com isso existem obrigações e renunciam a si mesmos, o que gera uma opacidade e um sujeito opaco é aquele que “[...] não está autorizado a fazer o que quer ou a ignorar suas obrigações para com os outros” (BUTLER, 2015, p. 32).

Porém, a opacidade e o não-reconhecimento poderão levar a uma postura crítica em relação às normas. Nesse sentido, o desejo de reconhecimento está sempre em pauta ao reclamarem para si mesmos uma referencialidade que distingue uns dos outros. Porém, os relatos de quem vive uma vida segregada tendem a ser discursos de quem está agindo de acordo com as normas para que possam ser o que são.

Por outro lado, não significa que se deva ser contra as normas e as regras existentes. Elas estão a serviço para produzir sujeitos de acordo com o que a Igreja Católica espera que sejam e que os seminários católicos cumpram suas finalidades. A questão está em como os seminaristas e os clérigos se articulam com as normas que os produzem, se perdem ou não sua autorreferencialidade e individualidade. Que tipo de subjetividades são produzidas? Regras e normas existem em todos os lugares, não há como fugir disso, a questão é como as articulações acontecem, como se negocia com elas.

De certa forma os seminários católicos propõem uma neo-ascese para os seminaristas chegarem à *hesychia* que é um estado correspondente da alma, a disponibilidade total da alma devido ao silêncio do coração e dos pensamentos (LACARRIÈRE, 2013). A neo-ascese propõe a imaterialidade, ou seja, Deus ocupa o lugar do corpo. A *hesychia* torna o sujeito morto para o mundo ao atingir um estado supremo. Após anos longe do mundo, o neo-asceta poderá voltar ao mundo e não será atingido por nada. “Ele é ele e outro ao mesmo tempo. Homem tão novo, em si para outrem [...] ninguém o reconhece. [...] homem que matou em si a personalidade antiga e que não passa de um homem anônimo, imagem de um ser ainda por nascer para todos os que o rodeiam” (LACARRIÈRE, 2013, p. 247). Os neo-ascetas voltarão para o mundo e nada os atingirá, não se deixarão abater pelos atrativos do mundo. Portanto, se as pedagogias sagradas visam o neo-ascetismo, como esses neo-ascetas negociam com o

mundo? Os ascetas tinham no hábito que usavam como um delimitador das fronteiras sagradas e profanas. Como os seminaristas e os clérigos delimitam essas fronteiras?

De acordo com Agamben (2014) os monges do deserto e o Cenóbio construíam uma forma de vida em que vida e forma eram inseparáveis. As regras eram dispositivos para realizar esse ideal de vida comum. A vida dos monges era “regular”, pois regra e vida não estavam cindidas. Nada poderia desviar dessa tarefa, pois havia um entrelaçamento entre ser e agir, de divino e humano, e a Igreja Católica nunca cessou de moldar e articular regra e vida ao longo da história.

Para os seminaristas e para os clérigos nesse neo-ascetismo a vida deverá ser uma liturgia transformada em vida. As regras dos seminários católicos imbricam vida e forma de vida e entrelaçam o humano e o divino para que esses sujeitos se tornem sagrados. Para isso existem preceitos legais e vitais e a vida se transforma integralmente em lei. Nada poderá arrancar, separar a lei da forma de vida. Para isso entra em cena a obediência e a vida deverá ser aplicada à norma e não a norma à vida (AGAMBEN, 2014). Nas pedagogias sagradas existe uma indistinção entre regra e vida.

Comentários finais

Os seminários católicos são instituições que de longa data vêm cumprindo sua função que é formar o futuro clero da Igreja Católica. Desde a sua fundação no Concílio de Trento um currículo foi criado para atender às necessidades da época e com o tempo foi se adaptando, porém o básico tem permanecido inalterado. Os seminários católicos tiveram como uma das primeiras finalidades segregar os seminaristas, retirar os candidatos ao clericalato do mundo e inseri-los em um espaço à parte, afastados da sociedade.

Com o passar do tempo, sobretudo após o Concílio Vaticano II, a formação foi se adaptando aos novos tempos, entretanto a cisão com o mundo fora ainda persiste. Não se trata neste artigo de questionar nem de sugerir que as pedagogias mudem, mas refletir como a arquitetura formativa produz subjetividades e uma forma de vida específica para que os seminários católicos cumpram suas finalidades. Cindidos como o mundo fora como eram os monges do deserto e os moradores da vila, os seminaristas interagem com a sociedade, enquanto que estudam muito e aprendem as doutrinas da Igreja Católica e do Cristianismo que irão transmitir após se tornarem clérigos.

Para que a transmissão das doutrinas seja eficaz, existe um *corpus* doutrinário, reunião de documentos, de textos e, também, métodos que levam em conta as possibilidades de resistências em relação ao cumprimento dos conteúdos transmitidos. Tal *corpus* doutrinário fixa-se em dogmas e compõe a linearidade dos discursos para a manutenção e fixação das doutrinas da Igreja Católica num jogo monológico sem aventuras ou errâncias. Para evitar errâncias os métodos de transmissão deverão ser seguidos sem possibilidades, ou raras possibilidades, de inventá-los ou reinventá-los.

Tudo isso não significa que a vida dos seminaristas beire o caos interno. Seus corpos não são apagados completamente pelas pedagogias sagradas, mas são corpos que estão à margem e o sagrado e o profano criam as fronteiras para que haja algum tipo de cisão. Entretanto, sagrado e profano não se anulam nem se cindem, pois estão entrelaçados. Entre os monges do deserto, os ascetas e no Cenóbio havia essa cisão peremptória para que o sagrado tivesse a hegemonia e qualquer possibilidade de o profano entrar em cena era cortada. Outrossim, para não despertar “a criatura assustadora” que habitava em seu íntimo – seus desejos e impulsos – os monges tiveram que se distanciar do mundo.

No Cenóbio qualquer transgressão ou desobediência em relação às normas seria punida severamente e, em alguns casos, levaria à expulsão do monge, quando não fosse possível corrigi-lo, para que este transgressor não contaminasse os demais com seus maus exemplos. Não transgredir as normas garante a proteção e o conforto das leis. A norma confisca os sujeitos e subtrai seus desejos (ZAGO, 2014). Para os monges do deserto a obediência era inquestionável.

A vida segregada facilita a construção dessas subjetividades. Os monges e os moradores da vila tinham uma única forma de pensar e agir, pois não havia outras possibilidades. Eles sabiam o que havia além das fronteiras, mas estavam distantes de tudo olhando as coisas acontecerem. Não participavam ativamente do mundo que os rodeava e, também, não se deixavam tocar por esse mundo. Não se pode dizer que eram alienados completamente, mas a cisão com o mundo não permitia fazer experiências da realidade fora do espaço onde viviam.

Não significa também que os seminários católicos deveriam romper com a forma de vida produzida pelas pedagogias. Estas instituições contribuem muito para a formação do clero católico com um estilo formativo tal que os capacita para um ótimo desempenho pastoral. O que refleti nesse texto é como essa forma de vida e as subjetividades são

produzidas. Não se trata de fazer juízo de valor, mas constatar que a vida segregada produz um tipo específico de sujeitos seja em que instituição estiverem. Os seminários católicos são mais uma instituição dentre tantas e que possui suas diferenças e suas finalidades que as cumprem muito bem.

Os formadores também fazem parte dessa arquitetura formativa, pois também passaram pela subjetivação possibilitada pelas pedagogias quando foram seminaristas. Fizeram a experiência e entendem o significado do que é ser um seminarista. São os executores das normas existentes, pois são responsáveis para que os seminários católicos cumpram as suas finalidades. Certamente serão cobrados por isso, ou seja, há uma dupla responsabilidade em relação à finalidade dos seminários católicos: dos formadores e dos seminaristas.

Por fim, entender como a subjetividade e a forma de vida engendrada nos seminários católicos são produzidas, possibilita diminuir tensões e enfrentamentos que poderiam acontecer. Lidar melhor com a cisão de uma instituição segregada que prepara os futuros clérigos da Igreja Católica. Porém, não há como escapar das tensões e dos enfrentamentos. A questão é como os seminaristas e os formadores se articulam entre o sagrado e o profano, entre o dentro e o fora.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Altíssima pobreza**: regras monásticas e formas de vida. São Paulo: Boitempo, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. *Signatura rerum*: sobre o método. São Paulo: Boitempo, 2019.

ARCHANGELO A.; WALDE, E. Pensamento sitiado: portas de entrada para um diálogo sobre fundamentalismos a partir do filme A Vila. In: GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Fundamentalismos e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

AZEVEDO, Renata S. **Análise do filme A Vila**. Disponível em: <https://renatasallesazevedo.jusbrasil.com.br/artigos/analise-do-filme-a-vila>.

BENELLI, Sílvio J. A formação eclesiástica. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia. v. 14, n. 10, p. 1883-1912, out. 2004.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CASSIANO, João. **Instituições cenobíticas**. Juiz de Fora, MG: Subiaco, 2015.

DUBY, Georges. A vida privada nas casas aristocráticas da França feudal. In: **História da vida privada**: da Europa feudal à Renascença. v. 2. São Paulo: Companhia da Letras, 2009.

FLICHE, Agustin; MARTIN, Victor. **Trento**: história de la Iglesia. v. 19. Valencia: EDICEP, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. Há muitas entradas na vida. In: GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. **Fundamentalismos e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GALLO, Sílvio. A Vila: microfascismos, fundamentalismos e educação. In: GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Fundamentalismos e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GIOVANNI, Don Juan de. **História de los seminários clericales**. Salamanca: Imprenta de Francisco Rico, 1778.

LACARRIÈRE, Jacques. **Padres do deserto**: homens embriagados de Deus. São Paulo: Edição Loyola, 2013.

PEREZ, Carmen L. V. Fragmentos...: algumas (a)notações sobre uma educação excêntrica. In: GALLO, S.; VEIGA-NETO, A. (Orgs.). **Fundamentalismos e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SACROSSANTO CONCÍLIO DE TRENTO. **Trento (Itália) 1545-1563**. São Paulo: Família Católica, 2019.

TUCHLE, G.; BOUMAN, C. A. **Nova história da Igreja**: reforma e contra reforma. Petrópolis: Vozes, 1983.

ZAGO, Luis Felipe. Quando a norma range os dentes. **Textura Canoas**, n. 31 p. 140-155, maio/ago. 2014.